

Guião para *Flipped Classroom*

Pedro Amaral, Sandra Esteves e Sofia Teixeira

Experiência mental: o *Trolley Problem*

A experiência do elétrico, ou *Trolley Problem*, é uma das experiências mentais mais conhecidas da ética contemporânea. Foi inicialmente formulada por **Philippa Foot** (1967) e posteriormente desenvolvida por **Judith Jarvis Thomson**, que lhe deu a forma mais discutida nos debates filosóficos atuais. A experiência visa testar as nossas intuições morais acerca do valor da vida humana, da permissibilidade do sacrifício e dos critérios que orientam o juízo moral.

A formulação clássica é a seguinte:

*Supõe que és o condutor de um elétrico. O elétrico faz uma curva e, de repente, vês mais à frente cinco trabalhadores que estão a reparar a linha. A linha passa por um pequeno vale nesse ponto e as encostas são íngremes. **Só poderás evitar atropelar os cinco trabalhadores se conseguires travar o elétrico.** Carregas nos travões, mas, infelizmente, eles não funcionam. De repente, vês um desvio de linha à direita. **Podes desviar o elétrico para lá e, assim, salvar os cinco trabalhadores que estão na linha principal.** No entanto, **há também um trabalhador nessa linha para onde podes desviar o elétrico.** Ele, tal como os outros cinco, não conseguirá sair da linha a tempo e, por isso, **morrerá se desviares o elétrico.***

O dilema moral consiste em decidir se é **moralmente permissível desviar o elétrico**, sacrificando uma vida para salvar cinco, ou se, pelo contrário, **deves abster-te de agir**, permitindo que as cinco pessoas morram.

Nenhuma das opções parece inteiramente satisfatória. E é precisamente essa tensão que torna o problema filosoficamente interessante.

A análise kantiana

Segundo a **ética deontológica de Immanuel Kant**, a moralidade de uma ação não depende das suas consequências, mas da **intenção** com que é praticada e da sua **conformidade com o dever moral**. O critério fundamental de Kant é o **Imperativo Categórico**, que, na sua formulação mais conhecida, ordena:

“Age apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne uma lei universal.”

Aplicando este princípio ao dilema, desviar o elétrico seria problemático, pois implicaria **matar intencionalmente uma pessoa inocente** como meio para salvar outras. A ação violaria também a segunda formulação do Imperativo Categórico:

“Age de tal modo que trates a humanidade, tanto na tua pessoa como na pessoa de qualquer outro, sempre e simultaneamente como um fim e nunca simplesmente como um meio.”

Desviar o elétrico significaria instrumentalizar o trabalhador da linha secundária, ou seja, usá-lo como meio para atingir o fim de salvar cinco vidas, o que é moralmente inadmissível. Deste ponto de vista, **o dever de não matar inocentes é absoluto** e a ação correta seria **não interferir**, mesmo que disso resultem consequências trágicas.

A análise utilitarista

Segundo a perspectiva **consequencialista** do **utilitarismo**, defendido por filósofos como **John Stuart Mill**, a moralidade de uma ação deve ser avaliada com base **nas suas consequências** e não na intenção do agente. A ação moralmente correta é a que **maximiza o bem-estar** ou **minimiza o sofrimento** do maior número de pessoas afetadas.

Neste caso, desviar o elétrico e causar a morte de uma pessoa em vez de cinco **reduz o total de sofrimento** e **umenta a felicidade de um maior número de pessoas**. O princípio orientador é o do **maior bem para o maior número**. Assim, seguindo a ética utilitarista, **desviar o elétrico é moralmente justificável**, pois o resultado global é moralmente preferível.